

Arquivo Histórico de Joinville

Ano 4 Número 1 dez./1986

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do  
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A. B. Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Diretora: Prof. Raquel S.Thiago

Historiadora e Tradutora  
Elly Herkenhoff

Tradutora  
Maria Thereza Bübel

Datilógrafa  
Gessônia Leite de Andrade

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ  
a.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983  
Trimestral.

I. Joinville - História - Periódicos

CDU 908(816.42J)(05)  
CDD 981.64005

Arquivo Histórico de Joinville

SUMÁRIO

página

Os Interesses Alemães no Sul do Brasil, no Final do Século XIX	
Raquel S.Thiago.....	4
Tradução de trecho do jornal "O Imigrante Alemão"	
Trad.: Maria Thereza Böbel.....	9
Em cada coração uma saudade...	
Elly Herkenhoff.....	12
Relatório Trimestral.....	16

..... 21

..... 22

..... 23

..... 24

.....

SECRET

SECRET

OS INTERESSES ALEMÃES NO SUL DO BRASIL,  
NO FINAL DO SÉCULO XIX

Raquel S.Thiago

(Comentário sobre um tópico da obra: A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau, de Klaus Richter)

Para os estudiosos da colonização do sul do Brasil, bem como do processo imigratório, o ano de 1986 acrescentou um excelente trabalho cujo título, "A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização no Interior de Joinville e Blumenau", anuncia uma pesquisa que traz à luz novas informações acerca do assunto.

Tal obra não teria sido possível não fora uma série de circunstâncias que levariam o Dr. Prof. Klaus Richter a realizá-la. Uma delas é o fato de ser, o autor, nascido em São Paulo, mas filho de alemães que, em 1954, retornaram à República Federal da Alemanha, possibilitando-lhe estudar História e Arquivística em universidades européias. Integrado com as coisas do Brasil e da Alemanha, é muito oportuna para nós sua posição de Diretor no Arquivo Estadual de Hamburgo.

Richter tem contribuído muito com os historiadores brasileiros no sentido de fornecer informações sobre a emigração alemã para o Brasil, já que o "Staatsarchiv" é o maior depositário dos documentos relativos às companhias colonizadoras.

Sua proximidade com tal documentação conduziu-o à realização de outro trabalho, "Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, Fundadora de Joinville", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1983, a qual recomendamos aos estudiosos da área.

Entre 1983 e 1984, interessado em trabalhos acadêmicos em Santa Catarina, foi contratado pela Universidade Federal como Professor visitante, para que ministrasse cursos sobre a História da Emigração Alemã, período este aproveitado para pesquisas em documentos catarinenses.

O resultado dessa vivência foi a obra, que ora divulgamos, sobre a colonização do interior de Joinville e Blumenau. Dividida em sete tópicos, o primeiro deles demonstra a preocupação do autor em escapar à simples narrativa dando lugar a uma análise que nos conduz a aspectos bastante originais para nós, brasileiros, sobre "A Alemanha e seus interesses no Brasil Meridional", cuja menção desconhecemos em obras de autores nacionais. Esta opinião é partilhada por Elly Herkenhoff, historiadora deste Arquivo e estudiosa da emigração, quando afirma "é a primeira vez que um historiador da emigração escreve sobre este assunto". E o historiador Walter Piazza faz o seguinte comentário: "(...) Temos diante dos olhos um quadro não somente cronológico mas, também, conjuntural de todos os aspectos que influenciaram nos campos político, social e econômico, do nascimento à extinção da "Sociedade Colonizadora Hanseática", onde a visão crítica e desapassionada do Autor situa os vários problemas notadamente o da tendência hegemônica germânica no sul do Brasil (...)" Daí destacamos este tópico que o autor escreveu consultando fontes bibliográficas alemãs, das quais a obra "Deutschland und Brasilien (1889-1914)", de Gerhard Brunn, deu a base; enquanto que a pesquisa em documentos do Arquivo Estadual de Hamburgo e do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina deram a consistência necessária ao desenvolvimento do assunto do qual não posso me furtar de comentar com os leitores as passagens mais interessantes abordadas pelo autor.

Conta-nos Richter que, no final do século XIX, após o grande surto de 1880/84, representantes burgueses da opinião pública, empresários e políticos, nem sempre com o apoio do governo alemão, continuavam interessados na emigração, no sentido de promover seus interesses, calcados no imperialismo e nacionalismo da época.

Para tal, seria imprescindível que os imigrantes não perdessem sua etnia, cultura, língua e nacionalidade, mas, sim, formassem poderosos quistos étnicos alemães de além-mar, mais precisamente no sul do Brasil, região considerada extremamente favorável à colonização. Aí formar-se-ia grande contingente de alemães e seus descendentes que, instalados em colônias agrárias, comprariam artigos importados da Alemanha, fato que o autor destaca como o ponto mais importante para os interessados pela colonização no Brasil Meridional: a indústria e o comércio da Alemanha.

Alguns imperialistas alemães pensavam, também, em dependência política com vistas à separação do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do resto do Brasil, onde se formariam núcleos políticos que os vinculassem à Alemanha.

No entanto, estas idéias eram pouco acatadas pelo grande público, que aceitava plenamente a integridade territorial e a soberania nacional do Brasil, ficando, pois, restritas a um pequeno grupo da elite intelectual e econômica.

Com o surgimento do personagem Carl Fabri - gerente e depois diretor da Sociedade Colonizadora de Hamburgo - o autor estabelece um elo entre as teorias imperialistas, e a prática aqui no Brasil, já que Fabri era adepto ardoroso do atrelamento econômico e político do Sul do Brasil à Alemanha, bem expresso nestas palavras do autor: "Fabri opinava que, com a Proclamação da República, o Brasil se dissolveria em várias repúblicas independentes. Entre outras, se constituiria uma república meridional teuto-brasileira. O Império Alemão, segundo Fabri, deveria fomentar a criação de tal estado(...)". (p.14-15)

No entanto, Fabri encontraria uma barreira para seus planos em Bismarck que, como Chanceler, achava que "o Brasil não faria parte das zonas mundiais de interesse alemão, mas que, ao contrário, estaria ligado aos interesses globais dos Estados Unidos. Seria mister evitar que a Alemanha se viesse intrometer em assuntos brasileiros". Aqui o autor chama nossa atenção para a "perspicácia comum em assuntos externos" da qual Bismarck era muito bem dotado. Na verdade, já sabia que esta fatia do bolo global estava reservada aos Estados Unidos.

Por volta de 1890, a Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo, sofria um estrangulamento no seu programa de colonização. A saída seria fundir-se com uma empresa mais abastada, tarefa da qual Fabri procurou desincumbir-se através de contatos com o governo brasileiro, negociações com industriais e banqueiros da Renânia e de Berlim, além de contatos pessoais com altas autoridades do "Reich".

Algumas autoridades eram favoráveis às idéias de Fabri, outras já não concordavam, além do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha que não apoiava a idéia de fomentar a emigração para o sul do Brasil por uma série de fatores que o autor expõe na página 16 e cuja leitura é imprescindível para uma análise da política de emigração-imigração e colonização das duas nações.

Os planos de Fabri sofreram novos revezes quando, proclamada a República Brasileira em 1889, o sul foi agitado por uma onda de conflitos que culminaria com a Revolução Federalista de 1893-94, impedindo a emigração alemã em grande escala para aquela região.

Somente em 1894, com término da Revolução, foi possível pensar-se novamente na questão emigratória. A iniciativa coube ao "Norddeutsche Lloyd", de Bremen, grande companhia de navegação, interessada que estava em aumentar seus lucros que haviam caído com o decréscimo da emigração. Heinrich Wiegand, diretor do "Norddeutsche Lloyd", após uma verificação "in loco" sobre as condições para a emigração alemã nos países do Cone Sul da América Latina, chegou à conclusão de que o sul do Brasil seria a região ideal, onde colonos alemães conseguiriam conservar língua e cultura. Interessado, promoveu campanha junto à opinião pública e ao governo alemão, em prol da emigração.

Por outro lado, o embaixador alemão no Brasil, Krauel, enviou em 1895 um relatório muito favorável sobre os alemães e seus descendentes nas colônias do sul do país, os quais, segundo ele, "teriam alcançado posição econômica fortíssima em Santa Catarina, dominando o comércio de importação. Joinville seria uma cidade alemã. Haveria abundância em qualquer parte. Língua e cultura teriam sido preservadas, graças às escolas e igrejas. Existiam quatro jornais alemães. Austríacos, húngaros, suíços, dinamarqueses e noruegueses se teriam ligado ao grupo alemão predominante"

No entanto, Krauel alertava que o número de emigrantes era ainda insuficiente para que exercessem influência política na região.

Os argumentos tanto de Wiegand como de Krauel impressionaram o Imperador que passou a apoiar a emigração alemã para o Sul do Brasil.

Nasce, assim, em 1897, a Sociedade Colonizadora Hanseática, resultado da fusão da antiga Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo, com companhias de navegação alemãs e casas comerciais ligadas ao Brasil.

A partir daí, o autor passa a relatar e analisar os fatos sobre a fundação da Companhia Hanseática - sua organização, seus revezes e seu relativo sucesso, igualmente originais em vários aspectos.

Considero muito positiva esta abordagem do leitor na medida que me abriu campo para uma indagação: até que ponto os adeptos alemães das idéias imperialistas e nacionalistas teriam conseguido seu intento?

A medida mais correta deste resultado naturalmente só conseguiríamos através da pesquisa. Entretanto, permito-me afirmar - pela evidência dos fatos e pela própria história, decorrido um século - que tais idéias influenciaram na criação da companhia e teriam sido um forte fator da emigração da década de 1890. Contudo, não vingaram aqui no Brasil. Os emigrantes se integraram pouco a pouco ao território brasileiro e até o momento a história não registra uma única tentativa destes em prejuízo da soberania política e econômica brasileira.

Aliás, o último tópico da obra de Richter envolve aspectos interessantíssimos sobre o quadro social da emigração alemã, onde analisa o perfil daquele colono que se aventurou pelas terras do Brasil entre 1890-1910. A partir desta leitura, podemos iniciar uma análise sobre a concretização das idéias imperialistas alemãs no Sul do Brasil. Fica aqui uma sugestão...

Tradução de trecho do jornal "O Imigrante Alemão", publicado em Porto Alegre em 05 de maio de 1857, referindo-se à Colônia Dona Francisca e depositado junto com outros documentos na urna da Pedra Fundamental da Igreja da Paz, em 1º de junho de 1957.

Trad.: Maria Thereza Bübel\*

"No final das notícias publicadas por mim em setembro do ano passado, prometi-lhes mais informações a respeito do desenvolvimento da Colônia, na época; entretanto, por absoluta falta de tempo, tenho que limitar-me ao relatório abaixo, de autoria de ilustre e, assim esperamos, extremamente importante visita no que diz respeito às suas conseqüências, reservando informações mais detalhadas a respeito de construções e outros empreendimentos para outra oportunidade.

Os moradores da Colônia viviam, já desde o mês de novembro do ano passado, na alegre expectativa de receberem em seu meio Sua Excia., o Presidente da Província, sr. Dr. João José Coutinho, entretanto sua visita fôra várias vezes transferida, e muitos já haviam perdido a esperança de que se concretizasse. Nos últimos dias de janeiro, no entanto, repetidas e seguras notícias davam conta que a Colônia devia esperar a ilustre visita, e realmente, a 8 de fevereiro chegava Sua Excia., são e salvo na Colônia, em companhia do Capitão-Engenheiro sr. Alwin, do Comandante do navio de guerra colocado à sua disposição e do sr. Caldeiro, comerciante e membro da Câmara do Povo, após o navio ter lançado âncora na Lagoa, hospedando-se nos aposentos para ele preparados na casa do Diretor da Colônia, sr. Aubé.

Imediatamente, verificou-se intensa movimentação na vida da Colônia, principalmente na área urbana. Sua Excia., logo após o almoço, percorreu parte do Caminho do Meio até a propriedade do sr. Poschaan, sendo amavelmente cumprimentado por onde passava.

No mesmo dia foi oferecida ao sr. Presidente uma esplêndida marcha luminosa, da qual tomou parte a maior parte dos colonos, chefiados pelo presidente da Representação Comunitária, sr. Niemeyer.

O sr. Niemeyer falou, em nome dos colonos, transmitindo a alegria e gratidão pelo vivo interesse que o sr. Presidente, assim como o Governo Imperial têm demonstrada por nossa Colônia, dando, no final de seu discurso, um Viva! ao ilustre hóspede, no que foi entusiasticamente imitado por todos os colonos ali reunidos.

O sr. Presidente expressou seus agradecimentos em algumas palavras amáveis, dando um Viva! à Colônia.

Em seguida o Diretor da Colônia brincou calorosamente ao chefe da nação, o Imperador do Brasil, após o que a banda encerrou tocando o Hino Nacional.

No dia seguinte, bem cedo, foi feita uma vistoria em toda a extensão da Colônia, até Anaburgo, visitando-se lá as novas construções; e nesta oportunidade, Sua Excia. determinou a quantia de 100\$000 para a derrubada da mata e abertura de uma picada para cavaleiros, já que pretende cavalgar até um determinado ponto da serra, quando de sua volta, que deverá ocorrer em maio ou junho. O sr. Presidente retornou à hora do almoço, visitando ainda alguns colonos assim como a telheira e olaria do sr. Dörffel. À tarde foram vistoriadas as outras partes da Colônia e à noite houve um baile no salão do sr. Ravache, ao qual Sua Excia. honrou com sua presença; enquanto o sr. Presidente estava sentado à mesa de jogo, foi-lhe oferecida uma serenata pelo coral masculino, e a qual escutou com toda atenção.

O sr. Presidente retirou-se pelas três horas da manhã, despedindo-se de algumas damas e cavaleiros em especial assim como dos presentes em geral, e as 4 horas iniciou a viagem de volta ao navio.

O caráter simples, generoso, calmo e modesto do sr. Presidente, em quem todos tiveram a ocasião de reconhecer um homem público de grande cultura, deixa ótima impressão na Colônia, ainda mais pelo fato de que em nenhum momento mostrou-se insatisfeito, pelo contrário, teceu comentários elogiosos sobre a Colônia, seu desenvolvimento e progresso, assim como pelas medidas tomadas pela Direção em relação ao futuro, demonstrando, aliás, grande simpatia pelo sucesso da Colônia.

Os moradores estão duplamente felizes pela honrosa visita e sua satisfação quanto à Colônia, pois há muito tempo tinha-se chegado à conclusão que a Colônia Dona Francisca fôra, propositadamente, por inveja ou interesses outros, difamada perante os olhos de Sua Excia.; pois já quando da primeira visita do Engenheiro de Estado, Capitão Alwin, foi possível perceber claramente pelas suas informações, o quanto fôra tentado no sentido de desacreditar a Colônia aos olhos do sr. Presidente, chegando ao ponto de o sr. Alwin se prover de gêneros alimentícios em São Francisco, de modo a não passar necessidades com seus homens, durante sua estada na Colônia.

O sr. Alwin, no entanto, caiu das nuvens, como se costuma dizer, quando encontrou um Colônia ordeira, muito bem implantada segundo os hábitos brasileiros, com uma área rural bem cultivada e com vida social e cultural de alto nível. Colônia esta que pelo seu curto tempo de existência causou-lhe espanto que não perdia ocasião de expressar; um relato no Jornal Mercantil, de sua autoria, dá conta, em palavras exageradamente elogiosas, de sua grande admiração e deve ser interpretado segundo o ponto de vista brasileiro.

Estas palavras são ainda mais elogiosas, considerando-se que o Engenheiro de Estado, Capitão Alwin, conhece quase todas as colô-

nias alemãs e outras no Brasil, e as informações e relatórios que o mesmo fez ao Presidente da Província neste sentido a respeito da Colônia, terão com certeza pesado na decisão do sr. Presidente em certificar-se pessoalmente dos fatos, e podemos crer que o indubitável interesse por parte do sr. Presidente nos justifica a esperar o melhor no que se refere a intercessão e apoio. O sr. Diretor Aubé acompanhou o ilustre hóspede até São Francisco, e também aqui o sr. Presidente referiu-se de maneira muito elogiosa ao excepcionalmente bem localizado porto, prevendo-lhe, especialmente através da Colônia Dona Francisca, um futuro brilhante, o que me alegra ainda mais, já que vem confirmar minha opinião e as afirmações que fiz nas notícias de setembro.

Se volto a mencionar as difamações e depreciações de que foi vítima a Colônia, até na Europa, é por justificada indignação e mágoa, pois as mesmas foram feitas apenas por inveja e interesses pessoais, e especialmente São Francisco, que somente através da Colônia teve tanto progresso em tão pouco tempo, chegando mesmo a algum prestígio e bem-estar e dependendo apenas do completo desenvolvimento e progresso da Colônia para subsistir e chegar a ser, assim esperamos, uma progressista cidade portuária do Império do Brasil, contribuiu muito, segundo foi possível apurar, para que a Colônia e seus habitantes fossem mal-vistos.

Mas podemos assegurar que as altas esferas governamentais não haverão de negar o ponto de vista da Colônia, assim Deus permita!"

J. F. Rs.

Obs.: Os documentos e jornais encontrados na urna, foram microfilmados pelo historiador Carlos Ficker e recolocados em outra urna, já que a original se encontrava em adiantado estado de oxidação. Os microfilmes fazem parte do acervo do Arquivo Histórico.

\* Tradutora e Assessora de  
Direção do Arquivo Histórico  
de Joinville

Em cada coração uma saudade...

Elly Heikenhoff

A 9 de março de 1901 Joinville completava os seus 50 anos de fundação. E embora as festividades comemorativas se realizassem somente durante a semana compreendida entre 28 de abril e 5 de maio daquele ano, o "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), em longo editorial do dia 7 de março, fazia um retrospecto do meio século de existência da antiga Colônia Dona Francisca, apresentando, na oportunidade, uma relação dos primeiros imigrantes chegados a 9 de março de 1851, ainda vivos em 1901, por ocasião do 50º aniversário. Eram eles em número de doze e seus nomes os seguintes:

Anna Duvoisin, nascida Tanner, imigrada com 17 anos. Ursula Boldt, nascida Tanner, irmã de Anna Duvoisin, imigrada com 3 anos. Barbara Elise Baggénstoss, nascida Schelling, imigrada com 12 anos. Viúva Anna Schmidlin. Viúva Marie Klufts, nascida Rosskamp, imigrada com 17 anos. Christian Gilgen, imigrado com 16 anos e sua esposa Anna (em primeiras núpcias casada com o imigrante Priewe). Heirinch Rosskamp, irmão de Marie Klufts, imigrado com 7 anos e sua esposa Margarete, nascida Freudenberg imigrada com 8 anos. Em Curitiba, para onde se haviam mudado, ainda viviam Johann Heinrich Moerking, imigrado com 23 e sua esposa Caroline, irmã de Marie Klufts e Heinrich Rosskamp, imigrada com 14 anos. Sebastian Müller, imigrado com 7 anos.

E, dando-lhe destaque todo especial, o "Kolonie-Zeitung" lembrava o nome de Louis Duvoisin, como "o primeiro entre os primeiros", uma vez que a sua chegada se dera em maio de 1850, quase um ano antes da fundação oficial da Colônia Dona Francisca. Fazia ele parte de um pequeno grupo de pessoas, composto de Léonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville, do engenheiro Hermann Guenther, enviado pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, do colono Peter Schneider, sua esposa e uma filhinha e, finalmente do jurista Ewert von Knorring, sua esposa e uma filhinha, sendo que os dois casais - Schneider e von Knorring - haviam sido contratados no Rio de Janeiro pelo engenheiro Guenther, para iniciarem a derrubada da floresta virgem e prepararem as plantações no núcleo a ser estabelecido pela Sociedade Colonizadora nas terras do Príncipe de Joinville, cunhado de D. Pedro II.

É um dos nossos primeiros cronistas, o Capitão Theodor Rodowicz-Ozweicimsky, em seu livro "Die Kolonie Dona Francisca in Suedbrasilien" (A Colônia Dona Francisca no Brasil Meridional), publicado em 1853 na Alemanha, à p.26 afirma ter o engenheiro Guenther trazido em sua companhia uma "berlinense" de nome Julie Engell, quando em setembro daquele ano de 1850, ele voltou de uma rápida viagem ao Rio.

No entanto, desse grupo de precursores atuantes no pequeno núcleo que se fundaria oficialmente a 9 de março de 1851, somente Louis Duvoisin, cozinheiro de Léonce Aubé, em Joinville se radicou.

Hermann Guenther foi sumariamente despedido em princípio de fevereiro de 1851, pelo filho do presidente da Sociedade Colonizadora, Eduard Schroeder, que para aqui veio com a finalidade de inspecionar o andamento dos trabalhos. O casal von Knorring partiu a 6 de junho do mesmo ano, após a morte da filhinha. Peter Schneider, por sua vez, tendo perdido a esposa em 23 de maio de 1851, a 28 de dezembro do mesmo ano se casou em segundas núpcias e a 29 de janeiro de 1852 partiu com a família. Léonce Aubé, que em 1852 se casou com uma filha do Dr. Johann A. Haltenhoff, deixou o seu cargo de diretor da colônia em fins de 1861 e em 1870 voltou definitivamente para a França.

Abram Louis Duvoisin não era francês, conforme se tem afirmado. Era suíço, nascido em Cortaillod, no Cantão de Neuchâtel, filho de David François Duvoisin e Marianne Tinabertz e, segundo o livro de registro da Comunidade Evangélica de Joinville, contraiu núpcias a 12 de julho de 1853 com a jovem Anna Tanner, igualmente nascida na Suíça e imigrada com pais e irmãos na primeira leva do "Colon". Louis Duvoisin, de acordo com o assento do referido livro de registro, contava então "32 a 33 anos", era viúvo e de profissão fabricante de champanhe e dono de restaurante.

Na realidade, não deixa de ser surpreendente o reduzido número de sobreviventes em 1901, quando sabemos que os passageiros embarcados no "Colon" em Hamburgo, eram em número de 125, quando sabemos que no mesmo dia 9 de março de 1851 aqui aportou igualmente uma leva de 61 noruegueses, todos homens, que se destinavam à Califórnia, mas que, devido a uma séria avaria em sua embarcação, no Rio decidiram "tentar a sorte" na colônia a ser instalada nas terras do Príncipe de Joinville.

Mas não esqueçamos, por outro lado, que daquele grupo de noruegueses, 44 partiram de Dona Francisca, no primeiro e no segundo ano, enquanto oito faleceram e somente nove se estabeleceram em Joinville.

Alguns deles se casaram, como o negociante Ulrik Ulricksen, que se enamorou da imigrante alemã Helene Palm, o padeiro Hans Peter Hansen, que se casou com a imigrante suíça Elisabeth Müller, o padeiro Peter Gustav Petersen que preferiu Bárbara irmã de Elisabeth e o veterinário Marcus F. Goerressen, que escolheu a jovem alemã Caroline Schneider.

Não esqueçamos que dos 125 passageiros embarcados no "Colon", sete faleceram a bordo, durante a travessia do Atlântico, sendo quatro crianças e os três adultos: Conrad Weber, 41 anos, casado com Bárbara, pai de cinco filhos menores. Anna Müller, 35 anos, casada com Johann Müller, mãe de sete filhas, entre os quais a pequena Maria, igualmente falecida a bordo do "Colon". A viúva Ulm, 42 anos, mãe de dois filhos, sendo um de doze e um de sete anos apenas...

E não esqueçamos que, dos 118 desembarcados a 9 de março de 1851, só nos dois primeiros anos, 18 aqui faleceram...

O historiador Carlos Ficker, referindo-se aos dias posteriores à chegada das primeiras levas de imigrantes, à página 81 da "História de Joinville" assim se expressa:

"Dias incrivelmente difíceis vieram para a pequena colônia.

Sacrifícios, renúncias e tristezas caracterizaram a vida destes primeiros pioneiros. Atraídos pela propaganda romântica e cheios de ilusões, sentiram-se decepcionados e ludibriados, quando olhavam a clareira de 20 x 100 metros na selva virgem, um vasto lodaçal, uma quantidade interminável de tocos de árvores abatidas, que, em parte, ainda jaziam no local, alguns ranchos cobertos de sapé, aqui e ali umas pequenas plantações de milho, de mandioca de batata doce..." - - -

Era este o aspecto que oferecia o núcleo da Colônia, então chamado "Schroedersort" (Vilarejo de Schroeder), em homenagem ao presidente da Sociedade Colonizadora, residente em Hamburgo.

E as incontáveis pragas nunca imaginadas - os mosquitos e os borrachudos e os bichos-de-pé - e as insuportáveis ulcerações de aclimação nas pernas e nos braços - e o medo incessante das serpentes e dos bugres e dos mil perigos da floresta misteriosa - e a chuva, a chuva enervante... a nostalgia...

E em setembro, coincidindo com a chegada de mais uma barca de imigrantes - o brigue "Gloriosa" - uma grande epidemia assaltou a Colônia, desprovida de recursos para debelar o mal. Houve os primeiros casos fatais de desintéria bacilar e tifo. Somente em setembro faleceram 16 pessoas, perfazendo um total de 45 até de-

zembro e todas elas foram enterradas em uma clareira existente no final da picada Jurapé, hoje rua 9 de Março, esquina com a Rua Dr. João Colin...

Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, à página 51 de sua já citada obra, após descrever as dificuldades com que lutavam os médicos, nos diz o seguinte:

"Conseqüentemente, eram poucos os que saravam, e saravam muito lentamente. O sino anunciador de morte tornava sempre a dobrar. Era pais que enterravam os filhos, para segui-los, dias depois, no mesmo caminho para o túmulo. Ninguém acompanhava um enterro, sem pensar em sua própria inumação, talvez bem próxima, no chão da floresta virgem..."

Breve, objetivo e contundente - aí está, escrito há mais de 125 anos, o depoimento do Cap. Rodowicz-Oswiecimsky, que chegou a Dona Francisca em setembro de 1851, pelo "Gloriosa", testemunhando assim todo o desenrolar da tragédia que se abateu sobre a pequena comunidade e cobriu de luto famílias inteiras. Era a mãe que falecia, ainda no vigor dos anos, era o chefe de família, deixando viúva e filhos na miséria, era o amigo arrancado ao convívio dos amigos, era o noivo morrendo ante o olhar estarecido da amada...

A 27 de dezembro de 1851 efetuou-se o primeiro sepultamento em novo cemitério, o Cemitério dos Imigrantes, situado no "Mittelweg" (Caminho do Meio), hoje rua Quinze de Novembro, e dos 45 túmulos da clareira do Jurapé nada mais resta.

Quanto aos imigrantes do "Colon", a maior parte, realmente, aqui se radicou, fazendo sua, com trabalho árduo, fé e muito amor, a Terra que tão duramente os provou. Contam-se entre essas famílias pioneiras, os nomes Weber, Schmidlin, Storrer, Roskamp, Freudenberg. Várias outras famílias deixaram a Colônia no decorrer do tempo, indo viver a sua vida em lugares distantes - a dor profunda de uma grande decepção em cada vida e, profundamente dolorida, em cada coração, uma saudade...

Relatório Trimestral - out./nov./dez., 19861. Atividades

## 1.1 Traduções

## 1.1.1 Listas de imigrantes

## 1.2 Pesquisas

## 1.2.1 Sobre a criação do Município, criação e instalação da Comarca de Joinville, solicitadas pelo Fórum de Joinville.

## 1.3 Arquivística

## 1.3.1 Lista de periódicos devidamente classificado e identificado para usuários e pesquisadores.

## 1.3.2 Remontagem das estantes de aço do depósito "A" para melhor acondicionamento dos jornais encadernados, trabalho este, em andamento.

## 1.4 Projetos

## 1.4.1 Projeto "Organização do Acervo Documental do Arquivo Histórico de Joinville" e projeto do Laboratório de Restauração e Encadernação de Documentos.

## 1.4.2 Em fase de elaboração o projeto "Intercâmbio AHJ-STAAATSARCHIV".

2. Visitas

## 2.1 07/10 - Srs. Wolf Hasso, Freiherr von Maltzahn e Wolfgang Voigt, respectivamente Cônsul Geral e Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha.

## 2.2 30/10 - Mrs. Charles, Diretor do Arquivo Nacional de Washington, tratando do possível intercâmbio entre o Arquivo Histórico de Joinville e o Arquivo Histórico de Richmond, Virgínia, principalmente no que se refere à imigração e informação sobre o uso do computador no AHJ.

## 2.3 21/11 - Walter Gorenflos, Embaixador da República Federal da Alemanha, esteve neste Arquivo a fim de tratar do intercâmbio AHJ-STAAATSARCHIV.

3. Exposições

- 3.1 "Joinville através da Filatelia"  
de 08/10 a 17/11..... 348
- 3.2 "Intercâmbio Joinville-Langenhagen"  
de 31/10 a 18/11..... 220
- 3.3 "De Gutenberg à Eletrônica"  
de 20/11 a 10/12..... 101

4. Doações

## 4.1 Doações de Documentos

- 4.1.1 Erica Schneidewind - fotos e vários documentos pertencentes a Elsa Kohlbach, falecida a 13 de maio de 1986.
- 4.1.2 Habit-Const. e Empreend. Ltda. - fotografias e plantas de construção.
- 4.1.3 Cyro Ehlke - periódicos diversos.
- 4.1.4 Rosa Fugger - 1 quadro confeccionado com asas de borboletas.
- 4.1.5 Adolfo Bernardo Schneider - suplementos dos jornais "O Estado" e "A Notícia"; um exemplar do jornal "O Panorâmico" e uma gravura do Hospício O. Schneider (bico-de-pena).
- 4.1.6 Ruy Parucker - um exemplar da revista "A Noite Ilustrada", 1951.
- 4.1.7 Olívia Harger - diversos documentos referentes ao Colégio Bom Jesus.
- 4.1.8 Walter Gorenflos, Embaixador da RFA - um exemplar do livro de Rugendas.
- 4.1.9 Hans Stock - fotografias e postais.
- 4.1.10 Instituto Cultural Brasil-Alemanha - um exemplar do livro "Investigadores e Inventores" (Ernst Berniger)
- 4.1.11 Dr. Saade (Blumenau) - uma fotografia antiga e um atestado de batismo de 1889.

## 4.2 Outras doações

4.2.1 Cz\$ 1.500,00 da Cia. Hansen Industrial para confecção da capa do Boletim "Arquivo Histórico de Joinville".

4.2.2 Painéis de alumínio, da Embaixada da RFA, para montagem de exposições.

5. Atividades diárias

## 5.1 Correspondência

5.1.1 Recebida ..... 55

5.1.2 Remetida..... 307

5.2 Recortes..... 931 p.

5.3 Encadernação..... 25 v.

5.4 Genealogia (consultas)..... 20

5.5 Outras consultas..... 98